

O VELHO CUIDADOR E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE A VELHICE

Sonia Mercedes Lenhard Bredemeier*
Elenir da Silva**

Brasil, 2^o semestre de 1999 ***

Palavras chave: Velho cuidador, análise de discurso, idoso, asilamento, ideologia.

Introdução

Inicialmente, buscarei explicitar os motivos que me levam à elaboração deste trabalho. Há muitos anos minha experiência profissional como assistente social tem-se dado junto aos velhos de minha cidade. Moro em um município pertencente à Grande Porto Alegre. Seja junto a grupos de convivência, a asilos, ao Conselho Municipal de Direitos e Deveres do Idoso, tenho tido contato com idosos das classes média e baixa, comumente com os mais desfavorecidos econômica, social e culturalmente. O segmento idoso da sociedade tem uma situação semelhante à da sociedade brasileira como um todo. A sua grande maioria é desfavorecida em todos os sentidos. A ênfase principal do trabalho que tenho desenvolvido diz respeito à busca de garantias para que o idoso viva sua condição de cidadão e que tenha preservada na sua velhice a qualidade de vida a que tem direito. Ao participar de uma disciplina, com a coordenação da Prof^a. Dra. Leci Barbisan, no Programa de Pós-Graduação de Letras na PUCRS, universidade em que estou cursando o Doutorado em Serviço Social, me foi oportunizada a apropriação da abordagem Análise do Discurso sobre a qual versavam os conteúdos da disciplina, mais especificamente sobre a contribuição de Saussure para a lingüística. Por não ser especialista nesta área, optei neste trabalho, por utilizar da Análise do Discurso para uma incursão no discurso de um idoso na condição específica de cuidador¹ de outros idosos, com o objetivo de através de suas falas apreender o significado e as implicações que tem para ele ser idoso. A idéia de fazê-lo partiu de uma discussão em aula sobre o trabalho realizado pela Prof^a. Dra. Freda Indursky na sua tese de doutorado, em que analisa os discursos pronunciados pelos presidentes do país na época da ditadura.

Depois de trazer alguns dados sobre o envelhecimento da população, pretendo abordar a questão do asilamento como alternativa social e a precariedade em que o mesmo se dá nas condições presentes. Em seguida, farei referências teóricas com as quais pretendo me subsidiar na proposta em elaboração. Mais adiante, descreverei algumas questões práticas e seus desdobramentos. Finalizarei com algumas considerações que julgo pertinentes.

¹ O termo 'cuidador' refere-se mais explicitamente ao indivíduo que por alguma circunstância passa a ser responsável por uma pessoa que está a exigir cuidados especiais em função alguma fragilidade física, principalmente. Conforme KARSCH & LEAL (1998, p.22) , "o cuidador pode ser considerado um parceiro no tratamento, assistindo o doente e participando da promoção de sua saúde". Não tem formação formal específica para esta atribuição, neste caso.

* Cursando doutorado em Serviço Social, mestre em Serviço Social, especialista em Supervisão em Serviço Social e em Gerontologia Social, professora na UNISINOS e ex-professora da PUCRS, graduada em Serviço Social pela PUCRS, CRESS 10^a Região No.413, membro do CBCISS, da ANG/RS e SBGG/RS, Conselheira do Conselho do Idoso e do Conselho de Assistência Social de São Leopoldo, RS.

** Acadêmica de Serviço Social, colaboradora na realização e transcrição das entrevistas.

*** Brasil - País latino-americano de língua portuguesa, com 169 milhões de habitantes, está entre as dez maiores economias do mundo, apresentando porém, grande desigualdade social. Sua forma de governo é republicana e seu sistema, presidencialista.

1.O envelhecimento da sociedade atual

Velhice: qual o seu significado? É esta uma construção social? Respostas ambivalentes têm surgido para estas indagações. Conforme alguns estudiosos, entre eles HEREDIA (1996), “a rigor, a sensação de velhice não guarda uma relação direta com o número de anos vividos. Uma vinculação mais profunda e mais freqüente com pessoas idosas permite verificar que as limitações impostas pelo envelhecimento biológico de um lado e pela imposição do envelhecimento social por outro, estão em contradição com o vigor psíquico cognitivo que os velhos apresentam quando não carregam o rótulo que lhes é imposto (...)”(p.5). Com esta citação, quero introduzir alguns dos muitos fatores que definem, ou melhor, constroem o que a sociedade entende por envelhecimento.

“Existem hoje 229 milhões de idosos nos países ricos e 364 milhões de idosos nos países pobres” (UM MUNDO MAIS GRISALHO, 1999, p.3). Recentemente estes dados significativos foram divulgados por ocasião do Ano Internacional do Idoso e comemorando o Dia Nacional do Idoso que aconteceu no último dia 27 de setembro.

“ A questão do envelhecimento populacional é uma realidade em nosso país. Segundo projeções demográficas, no ano 2025 o Brasil ocupará o sexto lugar no *ranking* mundial de população idosa, quando 15% de sua população, ou seja, 32 milhões de pessoas aproximadamente, terão 60 anos ou mais” (COSTA, 1996, p.5). Desta forma a Secretária de Assistência Social Lúcia Vânia Abraão inicia a apresentação dos Anais do I Seminário Internacional “Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século”. O teor das citações e o próprio seminário dizem da contemporaneidade do tema com o qual me proponho a trabalhar. Segundo estimativas, de uma população que no Brasil se aproxima dos 170.000.000, 8% deles têm 60 anos ou mais. A preocupação com o envelhecimento também é mundial. As políticas sociais na maioria dos países têm voltado sua atenção para este fenômeno.

Sabe-se que vários fatores influem no aumento da longevidade e que entre eles está o avanço das condições de saúde da população. A qualificação das condições de vida dos indivíduos e dos serviços de saúde tem colaborado para o aumento da expectativa de vida das pessoas. Um dado que também nos chama a atenção e que está sendo comprovado através de várias pesquisas é de que se vive mais, mas que no final se vive sozinho e se morre sozinho . Também é significativo o aumento do número das pessoas muito idosas. Em países europeus, como a Alemanha, há dados que referem que a porcentagem dos muitos idosos (a partir dos 80 anos) já alcança o mesmo índice que no Brasil a dos idosos acima de 60 anos. Aqui no Brasil, e no nosso estado na cidade de Veranópolis, também temos fenômeno semelhante. Com quem vivem os idosos? Ou vivem sozinhos? A sociedade está preparada para absorver com condições de dignidade esta população envelhecida? Pretendo abordar estas questões no próximo item.

1.1 O asilamento

O asilo como um equipamento social é uma alternativa na atualidade. Trata-se de uma instituição que abriga pessoas em idade avançada oferecendo-lhes moradia, alimentação e outros cuidados necessários em troca de uma remuneração ou não, dependendo de sua natureza. Outras denominações têm sido utilizadas para nomeá-lo, como a eufemista “lar para idosos”, instituição asilar, clínica geriátrica e hospedaria

geriátrica. Existe alguma preocupação em relação ao asilamento, por parte dos governos, das famílias e dos próprios velhos. A institucionalização do idoso não tem, porém, merecido a devida atenção. Nas três dimensões acima citadas, prefere-se escamotear um aprofundamento na busca de soluções para o amparo do idoso de forma qualificada nos últimos anos de sua vida. O asilamento, como a própria morte, são negados nas pautas de discussão da sociedade de um modo geral.

A própria questão da finitude tem sido mencionada como relevante para ser tematizada em nossa sociedade pois que também tem sido negada quase sempre. Conforme NERI (1991, p.56) “o asilamento faz parte de práticas e políticas institucionais que, mesmo sem intenção explícita de fazê-lo, perpetuam crenças estereotipadas sobre o idoso, reduzem suas oportunidades de ter uma vida satisfatória e prejudicam sua dignidade pessoal”. Entre as causas do asilamento podemos citar o aumento da longevidade, a urbanização, a mudança no modelo de família e a falta de equipamentos sociais voltados a atender os indivíduos que paulatinamente envelhecem. A alternativa asilar, no entanto, data de muito tempo. MINOIS (1989, p.43) afirma: “La suerte de los viejos sin hijos debia ser, sin duda, desgraciada, y desde el milenio II, el viejo solitario es incluido entre los pobres, enfermos y lisiados de todas las classes. Pero no se excluye que hayan existido en esta época algunos hospitales de caridad dependientes de los templos que ofrecieran asilo a algunos de los más desprotegidos, como sugiere un conjunto de cartas de los archivos de Nippur en Mesopotamia, que datan del siglo XIV ante de J. C. “.

A presença de asilos e seu papel social têm mobilizado a sociedade das mais diversas maneiras. Um grande número de pessoas prefere desconhecer sua existência; outros, por sua vez, sensibilizam-se profundamente e dispõem-se a trabalhos voluntários nos mesmos, procurando, de forma paliativa, solucionar suas dificuldades. Outros, ainda, destinam alguma contribuição para estas casas, dando por cumprido seu compromisso como cidadãos. Da parte dos órgãos públicos, algumas iniciativas têm sido tomadas, visando atender o grande contingente de pessoas que procuram este recurso. Entidades que reúnem técnicos nas várias áreas ligadas à Gerontologia, como a Associação Nacional de Gerontologia e a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia têm procurado trazer este tema a ser tratado dentro da comunidade nacional, desde os órgãos públicos até as associações filantrópicas que efetivam ações nesta área. A realidade que temos presenciado nos municípios é a de que pouco ou nenhum investimento público é feito no que tange à construção e à manutenção de asilos, por diversos motivos sobre os quais não cabe aqui se estender. Como existe uma demanda significativa nesta direção, têm sido criadas inúmeras casas com as denominações acima citadas que oferecem precários serviços em troca de aposentadorias e outras contribuições, ou instituições mais bem equipadas para atender velhos da classe média ou alta. É importante também citar que ainda existem asilos ligados a entidades religiosas que atendem uma faixa privilegiada de idosos, chamados neste caso de ancionatos, e outros voltados para o segmento mais empobrecido que sobrevive graças às aposentadorias e contribuições espontâneas da comunidade. Cabe ainda citar dentro deste contexto a presença dos Conselhos Municipais dos Direitos do Idoso, que, a partir da descentralização das políticas públicas, têm como atribuição o planejamento, a assessoria na elaboração de ações voltadas para o idoso bem como a fiscalização e o controle das mesmas. A partir destes pressupostos me situo frente à realidade asilar do idoso.

2. Buscando respostas através da Análise do Discurso

2.1 O porquê da AD

Neste item, pretendo justificar o porquê do uso da Análise do Discurso nesta proposta.

Henry, citando Pêcheux (apud GADET & HAK, 1993), diz “ ‘as ciências sociais ‘ são essencialmente técnicas que têm uma ligação crucial com a prática política e com as ideologias desenvolvidas em contato com a prática política, cujo instrumento é o discurso” (p. 24-25). Ao tratar desta questão Pêcheux se posiciona formalmente contra o fato de a linguagem ser reduzida a “um instrumento de comunicação de significações (...)”. Trago esta citação para evidenciar a importância da linguagem para nós, os assistentes sociais, entendendo nossa prática profissional e a prática dos sujeitos com os quais estamos envolvidos como uma prática política.

Conforme Lefebvre (apud HADDAD, 1993) “a questão social da velhice é formulada desconsiderando-se os fundamentos materiais de sua existência (...)”. Baseada nas considerações do autor acima citado, Haddad explicita suas idéias quanto à “problemática da velhice” remetendo para as bases filosóficas, éticas, sociológicas e outras que permeiam o discurso presente na sociedade atual. Diz ela que estas bases “revelam um consórcio entre diferentes instâncias da produção discursiva” das entidades ligadas aos problemas do envelhecimento no Brasil. Sua crítica enfatiza que neste discurso a velhice é vista como uma “universalidade abstrata” (p.12). Afirma enfim que a “ideologia da velhice” uniformiza as representações da sociedade quanto à velhice.

Concordo com HADDAD quanto aos aspectos ideológicos presentes em muitas falas. Esta autora foi trazida à tona com o objetivo de situar o uso da Análise do Discurso. Remeto-me à colocação de INDURSKY (1997) que me parece esclarecedora: “Gostaríamos de acrescentar que, por um lado, o discurso, enquanto prática discursiva, trabalha para que o efeito de sentido discursivamente construído produza a ilusão de sentido único; por outro lado a AD trabalha sobre a materialidade discursiva, procurando desconstruí-la para determinar os funcionamentos discursivos que promovem a instauração desta ilusão, da mesma forma que procura analisar os processos de significação dos quais participa o efeito de sentido construído pelo discurso como sentido único” (p.20).

Ao conviver com o cotidiano do asilamento, nos defrontamos enquanto técnicos e estagiários que atuam nesta área, com alguns questionamentos oriundos da incoerência muitas vezes que se percebe nas falas e atitudes dos administradores de asilos. Se, por um lado, está presente a idéia de cuidados e atenções de que devem ser merecedores os asilados, nota-se muitas vezes que no dia-a-dia os velhos são tratados com negligência. Esta se concretiza através da falta de cuidados quanto à sua higiene pessoal, da ociosidade a que ficam condenados, da inadequação das instalações das quais usufruem, entre outros.

O Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Idoso já há bastante tempo tem procurado, através de várias formas, trabalhar com os administradores a precariedade de alguns asilos. Seja através de orientações quanto a cuidados, capacitando os cuidadores da instituição, seja através da busca do apoio dos familiares para o descaso presente, seja através de medidas governamentais de controle e fiscalização, busca-se minimizar as decorrências negativas da institucionalização, principalmente quando efetivada de modo deficiente. Através de pesquisa realizada, constatou-se que “proliferam as casas asilares de iniciativa particular que não oferecem as mínimas condições de atendimento, mas que visualizam o interesse financeiro, na perspectiva de uma alternativa de trabalho” porque existe uma lacuna, um espaço que o poder público não ocupa (CONSUL, 1998, p.54).

Visto que a Análise do Discurso possibilita, através do estudo da linguagem, os entendimentos que permeiam a vida do idoso em questão, plena de experiências e

valores, oferecendo categorias e métodos para a apreensão desta riqueza farei uso deste recurso para a análise das falas deste cuidador.

2.2 Referências teóricas para o embasamento do trabalho

Como já foi citado na parte introdutória, baseei-me, principalmente, no trabalho de INDURSKY “A fala dos quartéis e as outras vozes”, para a busca de referências teóricas, a partir do qual consultamos os autores mais referidos. Entre eles, encontrei Orlandi (apud INDURSKY) que diz: “O objeto específico da Análise do Discurso (AD) é o discurso, e não a língua, e que sua unidade de análise é o texto, e não o signo ou a frase, sendo texto aqui considerado ‘não em seu aspecto extensional, mas qualitativo, como unidade significativa da linguagem em uso, logo unidade de natureza pragmática’”(p. 17).

Os aspectos pragmáticos do discurso tornam acessível ao pesquisador os próprios significados que são atribuídos.

“A relação signo-sentido, que é estável e unívoca na língua, desestabiliza-se quando é tomada em sua situação de uso. (...)A AD interessa-se pelas representações feitas pelo homem no uso que este faz do léxico em sua prática discursiva, procurando examinar as transformações de sentido, bem como os efeitos decorrentes” (INDURSKY, p.25).

A Análise do Discurso portanto oferece ao pesquisador elementos que permitem o reconhecimento de dados muito importantes no conhecimento da realidade na qual o idoso, no caso, está inserido.

Sobre a construção do outro, aspecto que julgo constituinte dentro de minha proposta, ORLANDI (1996, p.125) diz “ O funcionamento discursivo é a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas”. Mais adiante, a mesma autora vai buscar em Voloshinov que essa determinação pressupõe um ambiente social pleno de ideologia, e por isso, determinante. Como já referi anteriormente, a ideologia da velhice está presente no ambiente asilar. Mais tarde pode-se verificar como isto se apresenta nas falas.

A construção discursiva do outro cabe bem neste propósito, uma vez que permite a apropriação da representação de velhice por alguém que é velho.

3. A experiência e constatações a partir da mesma

3.1 Algumas falas e seus significados

Para situar em que condições se deu a coleta do material que foi usado neste trabalho, é importante salientar que, diante de constantes questionamentos quanto ao mundo asilar, frente à minha preocupação com a formação profissional de estagiários de Serviço Social com os quais trabalho, acrescida da constante interpelação da pessoa idosa em questão sobre a possibilidade de contar sua história dispus-me a realizar e com a concordância da mesma a gravar cinco entrevistas. As mesmas tinham principalmente como objetivo oportunizar o espaço desejado pela idosa e a coleta de algum material que oportunamente seria analisado. Para isto foi usada a técnica do gravador. As entrevistas foram posteriormente transcritas. Deram-se no próprio asilo que, por sua vez, além de abrigar pessoas idosas, também servia de moradia para a idosa e sua família. Aconteceram em uma sala que era preparada previamente para o momento das entrevistas. As mesmas foram semi-estruturadas, tendo-se como eixo lembranças do passado da idosa e sua relação com os aspectos pertinentes à função de cuidador de outras pessoas. Sabe-se que o material coletado é “um discurso de memorização , de reconstrução do passado, não do reflexo fiel de fatos e situações. (...) A memória está indissociavelmente ligada às práticas e sistemas de representação da sociedade” (FERNANDES, 1995, p.150). Esta

autora ainda refere que só nos lembramos das coisas que nos foram significativas. O que se percebeu durante as falas da senhora B foi o quanto foram marcantes as suas experiências com os avós e principalmente com o avô. Ainda sobre a técnica da “história de vida” diz FERNANDES: “ Pelo fato desta técnica se colocar no ponto de interseção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que ele traz no seu íntimo (o social e o individual) busca-se, através dela, apreender o socialmente vivido, o sujeito em suas práticas, tentando perceber de que maneira ele aborda as condições sociais que lhe são particulares” (p. 153).

A partir daqui, apontarei para alguns temas, falas e considerações que percebi elucidativas dentro da minha proposta.

Farei uma referência ao texto de Pêcheux (apud GADET & HAK, 1993), que, ao tratar das orientações conceituais para uma teoria do discurso, fala dos processos discursivos. Ao mencioná-los, diz que os mesmos podem ser pesquisados também pelo “estudo da ligação entre as ‘circunstâncias’ de um discurso - que chamaremos daqui em diante suas *condições de produção* – e seu processo de produção. Esta perspectiva está representada na teoria lingüística atual pelo papel dado ao *contexto* ou à *situação* como pano de fundo específico dos discursos que torna possível sua formulação e sua compreensão (...)” (p. 75).

Referindo-se às condições de produção, INDURSKY coloca: “A noção de situação também foi incorporada à AD enquanto Condições de Produção. Esta noção está estreitamente vinculada, na teoria do discurso, ao descentramento do sujeito do discurso(...). As Condições de Produção remetem a ‘lugares determinados na estrutura de uma formação social’. As relações de força entre esses lugares sociais encontram-se representadas no discurso por uma série de ‘formações imaginárias que designam o lugar, que o destinador e o destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, construindo deste modo o imaginário social’. (...) O sujeito produz seu discurso não como fonte de conhecimento, mas como efeito dessa rede de relações imaginárias, constituindo-se tal discurso na representação desse imaginário social” (p. 28).

As seguintes falas são reveladoras:

Os filhos tomam as decisões pelos velhos.

Me perguntaram: - Sra B. por que não assina os papéis? Respondi: - Não posso, eu tenho filhos, eles é que precisam resolver o que eu devo fazer (2ª entrevista – 13/11/97).

Está presente aí um dos muitos aspectos que indicam o lugar do velho e seu ‘status’ na família, como também a naturalidade com que isto é aceito pelo próprio velho.

Vejam agora a questão da subjetividade.

No que tange à subjetividade, INDURSKY se manifesta da seguinte maneira: ” Para a AD, a categoria sujeito não é idealista por ser interpelada ideologicamente, (...) e o sujeito, ao produzir seu discurso o faz a partir de determinadas posições de sujeito, igualmente ideológicas. Tais posições contudo não transformam esse sujeito em uma figura que decide livremente seu discurso, pois se trata de um sujeito socialmente constituído. No entanto, por não ter consciência de seu assujeitamento, mantém fortemente arraigada a ilusão de ser plenamente responsável por seu discurso e suas posições” (p. 27).

Meu marido não quis mais ficar cuidando do moinho. Queria vender para outro e então voltamos para nossa casa.

Nós tínhamos moinho. Eu cuidei do moinho, tinha umas vacas e tirei leite e fiz manteiga. (20/11/97 – 3ª entrevista)

Ainda em relação à mesma, BRANDÃO(1993) coloca: “Neste quadro teórico (refere-se à questão da subjetividade na linguagem) o sujeito passa a ocupar uma posição privilegiada, e a linguagem passa a ser considerada o lugar da constituição da subjetividade. E porque constitui o sujeito pode representar o mundo” (p. 45)

Nós fizemos a casa para cuidar dos velhos. Alguns não têm tempo de cuidar o pai, têm que trabalhar por causa da crise. Às vezes não tem gente para cuidar do próprio pai e da mãe. (5ª entrevista – 8 de maio de 1998)

Courtine refere (apud INDURSKY, p. 38): “O sujeito do discurso decorre da relação que se estabelece entre o discurso, a língua e a ideologia sendo ao mesmo tempo sujeito ideológico e sujeito enunciator”.

Tristeza uma pessoa ficar velha. Ninguém mais dá bola.

Minha família acha que eu sou boba.

A mãe se queimou e ficou cheia de ferida no rosto. Daí a filha não queria mais saber dela. Mais tarde a filha adoeceu, chamou a mãe e pediu perdão para ela (20/11/97 – 3ª entrevista).

“ Um discurso é heterogêneo porque sempre comporta constitutivamente em seu interior outros discursos”(INDURSKY, p. 126).

BRANDÃO (1993), por sua vez, citando FOUCAULT afirma: “Analisar o discurso é fazer desaparecer e reaparecer as contradições, é mostrar o jogo que jogam entre si; é manifestar como pode exprimi-las; dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência” (p. 40)

Nos seguintes trechos poderemos de alguma forma constatar os vários discursos presentes na fala do idoso cuidador nas seguintes formas lexicais: **vô, vó, viúvas, velha, velhos.**

Velho ativo - O vô foi fazer fogo no fogão e tudo ficou uma só fumaça (29/10/97 – 1ª entrevista)

Esta é uma das formas de participar da vida em família, isto é, desincumbindo-se de tarefas caseiras, mantendo-se envolvido com o cotidiano da família.

Velho afetivo – Meu vô fez uma carrocinha para meu irmão e a vó fez uma boneca para mim (idem).

O envolvimento com os netos demonstrando concretamente seu afeto, está presente.

Velho justo – Eu sempre fiz muita arte. Mas ele (o vô) nunca ficou brabo comigo. O castigo que me dava era cantar hinos da igreja (13/11/97 – 2ª entrevista)

A figura do velho tendo parte na educação dos netos, é visível.

Velho patriarca – Moramos junto com o vô (29/10/97 – 1ª entrevista)

Nesta afirmação está presente o velho que acolhe os filhos quando os mesmos encontram-se em necessidade.

Por outro lado pode-se constatar com o que segue como se evidenciam os outros discursos.

Velho dependente – Eu dava banho neles (nos velhos)” (1º de abril de 1998 - 4ª entrevista).

Aí apresenta-se a incapacidade funcional do velho com a perda de sua autonomia. Depende de outrem no dia a dia.

Velho desamparado – “ As mulheres ficam viúvas e ninguém mais quer elas (20/11/97 – 3ª entrevista).

A perda do cônjuge determina um novo “status” do idoso. O homem, principalmente, encontra com mais dificuldade um lugar no cotidiano familiar pois não conta mais com a ajuda da esposa a quem rotineiramente são atribuídas atividades caseiras.

Velho abandonado – Um asilo deve ser um lar. Para os velhos terem uma casa de novo (8/5/98 – 5ª entrevista).

Um equipamento comunitário deve amparar os idosos para que os mesmos não fiquem desassistidos.

Velho doente – No hospital, eu dava injeção e remédios (1º/4/98 – 4ª entrevista).

A representação do velho enquanto doente faz parte do imaginário social de forma significativa. Estatisticamente porém está comprovado que só 10% dos idosos são dependentes e necessitam de cuidados intensivos.

Ainda Brandão, recorrendo a Foucault, quando trata de sua contribuição para o estudo da linguagem, traz elementos que conseguimos visualizar no material pesquisado. São eles principalmente:

- “ a concepção de discurso considerado como prática que provém da formação dos saberes, e a necessidade sobre a qual insiste obsessivamente, de sua articulação com as outras práticas não discursivas”;

Em relação à mesma, considerando os significados presentes nas falas apreendidas, observa-se que, principalmente no caso em questão, de uma pessoa idosa, isto é, com uma experiência de vida acumulada bem como uma experiência no trato com pessoas idosas e doentes, esta acumulação de saberes se evidencia.

Meu vô teve um sonho, que um parente dele começasse um asilo (20/11/97 – 3ª entrevista)

- “ a concepção de discurso como jogo estratégico e polêmico: o discurso não pode mais ser analisado simplesmente sob seu aspecto lingüístico, mas como jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva e também como luta”;

A disponibilidade e mesmo desejo do falante em trazer suas reminiscências eivadas de suas posições sobre o envelhecimento confirma esta contribuição. A sra. B desejava compartilhar, com alguém que lhe desse atenção, suas vivências. Nestas, porém, explicitava de alguma forma toda sua história de luta bem como a condição de dominação que muitas vezes se impunha e que na sua prática diária comprovava.

O Pastor me convidou para ir cuidar de um asilo. Meu marido (doente) disse: - Vai, tu precisa trabalhar.

No asilo, eu cuidava das coisas. Arrumava camas, de noite deixava as roupas nas cadeiras para estar tudo pronto na hora de dar banho pela manhã .

Comprei terra com meu serviço.

Uma pessoa precisa de amor. (1º de abril – 4ª entrevista).

- ” o discurso é o espaço em que o saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula saber (o saber institucional) é gerador de poder”;

Na posição de mãe do administrador atual e que anteriormente delegou a posição de administradora para o filho, a sra. B. tem o reconhecimento institucional que se revela na seguinte fala:

Eu sempre tomei a frente nas decisões (20/11/97 – 3ª entrevista).

- “ a produção deste discurso gerador de poder é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que têm por função eliminar toda e qualquer ameaça à permanência desse poder” (BRANDÃO, 1993, p. 31).

Em função da idade avançada a posição de poder está ameaçada. A própria família critica atitudes já considerando a mãe e avó muita velha para ocupar a posição que ainda procura manter.

Às vezes eu fico ruim, mas esqueço. Eu não penso para mim. Preciso arrumar coisas para este pessoal (refere-se aos asilados) (8/5/98 – 5ª entrevista)

Considerações finais

As considerações que cabem neste item devem incluir aspectos que procurem articular o que foi proposto no início da tarefa. Como anteriormente citado, através de uma exigência acadêmica procurei algumas respostas para questões que surgem no nosso cotidiano profissional, aventurando-me por uma área que, conforme se constata no decorrer do trabalho, oferece inúmeras possibilidades na construção do conhecimento mas que exige, principalmente no meu caso, um aparato teórico reconhecidamente amplo e profundo.

Buscando referências em autores citados no decorrer do semestre, no desenvolvimento da disciplina, tentei me aproximar da Análise do Discurso. Esta tentativa redundou em novas referências para a compreensão da realidade do idoso através da linguagem, dentro das concepções presentes nos itens anteriores.

Considerando o conteúdo político, nem sempre explicitado, que se apresenta através do discurso dos sujeitos na medida em que ele for objeto de estudo, a Análise do Discurso no meu entender, oportuniza uma nova apropriação.

Como se pode perceber as contribuições dos autores citados são muito elucidativas. No sentido de que o estruturalismo e o materialismo dialético são fundamentais nesta proposta.

A presença da ideologia, que se percebe nas mudanças que o papel do idoso na sociedade têm experimentado, consideradas as alterações que o contexto sócio-econômico tem apresentado, os aspectos subjetivos inerentes à prática discursiva que

revelam sentimentos e desejos, a contribuição das condições de produção de um discurso emitido numa instituição que paradoxalmente acolhe e alija o velho da sociedade, a evidência do fenômeno da heterogeneidade presente nas falas permitiram a aproximação que pretendi na busca de respostas para alguns questionamentos com os quais me defrontei, enquanto técnico da área social.

Posso afirmar com certa segurança que as falas que analisei revelam constantemente que o sujeito em questão, o idoso cuidador, está pleno da presença do outro, com o qual interage na construção de suas representações sobre o mundo no qual está inserido e no qual atua.

Pêcheux (apud GADET & HAK, 1993, p.17) diz: "(...) cada vez que um instrumento ou experimento é transferido de um ramo de ciência para outro, ou *a fortiori* de uma ciência para outra, este instrumento ou este experimento é de algum modo reinventado, (...)".

Penso ter sido possível reinventar. Quero mencionar que, apesar de ter exigido uma dedicação importante, este trabalho permitiu o enfrentamento de mais um desafio em minha trajetória.

Bibliografia

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

BREDEMEIER, Sonia Mercedes Lenhard; SILVA, Elenir. **Estágio Supervisionado de Serviço Social I e II**. Transcrição de entrevistas gravadas no período de 29 de outubro de 1997 a 8 de maio de 1998. São Leopoldo: UNISINOS.

CONSUL, Wladinéia Freitas. Conhecendo as estratégias de sobrevivência das instituições asilares de São Leopoldo. **Relatório de Pesquisa**. Estágio e Seminário de Serviço Social III. São Leopoldo: UNISINOS, dez. 1998.

COSTA, Lucia Vânia Abraão. Apresentação. In: **Anais do I Seminário Internacional de Envelhecimento Populacional**, Brasília, 1996.

FERNANDES, Maria Esther. A 'história de vida' como instrumento de captação da realidade social. São Paulo, **Cadernos CERU**, n.6, série 2, 1995.

GADET, F; HAK, T. (orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. **O direito à velhice**: os aposentados e a previdência social. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Questões da nossa época, v. 10)

HEREDIA, Olga Collinet. **A terceira idade e a questão estrutural-funcional dos asilos**. CEDOPE, São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

KARSCH, Ursula Margarida Simon (org.) **Envelhecimento com dependência**: revelando cuidadores. São Paulo: EDUC, 1998.

MINOIS, Georges. **Historia de la vejez**: de la Antigüedad al Renacimiento. Trad. de Célia Maria Sanchez. Madrid: NEREA, 1989.

NERI, Anita Liberalesso (org.) **Psicologia do envelhecimento**: temas selecionados na perspectiva do curso de vida. Campinas: Papirus, 1995 .(Coleção Viva Idade)

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

UM MUNDO MAIS GRISALHO. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 set. 1999. Caderno Especial.